



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
CAMPUS XXIII, SEABRA, BAHIA

LETÍCIA SOUZA SILVA

“POSTA, POSTEIRA, POSTÃO”: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO
PARARROTACISMO EM VALE DO PARAÍSO, BAHIA

Seabra, Bahia
2025


LETÍCIA SOUZA SILVA

“POSTA, POSTEIRA, POSTÃO”: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO
PARARROTACISMO EM VALE DO PARAÍSO, BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT XXIII), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas.


Orientador: Prof. Dr. Elias de Souza Santos

Aprovado em 16 julho de 2025.

 Documento assinado digitalmente
ELIAS DE SOUZA SANTOS
Data: 11/12/2025 21:44:19-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>


Prof. Dr. Elias de Souza Santos

Orientador – Universidade do Estado da Bahia (UNEB - XXIII)

 Documento assinado digitalmente
CARLA BRANDAO LOPES
Data: 12/12/2025 09:08:57-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Esp. Carla Brandão Lopes

Membro examinador – Universidade do Estado da Bahia (UNEB - XXIII)

 Documento assinado digitalmente
JESSICA CARNEIRO DA SILVA
Data: 11/12/2025 21:35:09-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Dra. Jéssica Carneiro da Silva

Membro examinador – Universidade do Estado da Bahia (UNEB - II)

“POSTA, POSTEIRA, POSTÃO”: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO PARARROTACISMO EM VALE DO PARAÍSO, BAHIA

“POSTA, POSTEIRA, POSTÃO”: A SOCIOLINGUISTIC STUDY OF PARARROTACISM IN VALE DO PARAÍSO, BAHIA

Letícia Souza Silva

Resumo: Investigamos, neste estudo, o fenômeno do pararrotacismo em Vale do Paraíso, à luz do modelo teórico de estudo da variação e mudança linguísticas (Weinreich; Labov e Herzog, 2006 [1968]). Objetivamos analisar quais efeitos linguísticos e sociais atuam nesse processo. Para tal, estratificamos 724 (cento e vinte e quatro) ocorrências suscetíveis ao pararrotacismo em entrevistas sociolinguísticas e inquéritos dialetais de 16 falantes representativos da comunidade de fala *locus* de recolha dos dados. Notamos que as variáveis sexo, faixa etária, nasalidade da sílaba alvo, extensão fonológica da palavra e tipo de discurso são favorecedoras do pararrotacismo. Esses achados reforçam a ideia de que a variação em perspectiva não se manifesta de forma aleatória, mas sim como um fenômeno estruturado e regido por princípios claros e objetivos, mediado por pressões internas e externas à linguagem.

Palavras-chave: Pararrotacismo; Variação fonética; Sociolinguística; Vale do Paraíso.

Abstract: In this study, we investigated the phenomenon of pararhotacism in Vale do Paraíso, in light of the theoretical model for studying linguistic variation and change (Weinreich; Labov and Herzog, 2006 [1968]). We aimed to analyze which linguistic and social effects act in this process. To this end, we stratified 724 (seven hundred twenty-four) occurrences susceptible to pararhotacism in sociolinguistic interviews and dialect surveys of 16 speakers representative of the speech community where the data were collected. We noted that the variables gender, age group, nasality of the target syllable, phonological extension of the word and type of discourse favor pararhotacism. These findings reinforce the idea that variation in perspective does not manifest itself randomly, but rather as a structured phenomenon governed by clear and objective principles, mediated by internal and external pressures on language.

Keywords: Pararrotacism; Phonetic variation; Sociolinguistics; Vale do Paraíso.

INTRODUÇÃO

O fenômeno fonético denominado pararrotacismo consiste na substituição do /r/ por outros fonemas (Bréal, 1921; Bloch, 1927; Nascentes, 1935; Lorenzo, 1975; Shuiskaya, 2021; dentre outros). Na literatura fonoaudiológica, esse processo é tradicionalmente classificado como uma dislalia evolutiva, sendo particularmente frequente no desenvolvimento fonológico

infantil devido à aquisição tardia do /r/ no repertório fonético (Campos Fernández *et al.*, 2008). Contudo, seguindo a perspectiva de Meyer (1875a, 1875b, 1876, 1877) e Thomas (1877), adotamos, neste estudo, uma abordagem sociolinguística que interpreta o parrotacismo como uma variação fonética condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Essa posição teórica nos permite analisar o fenômeno não como um desvio, mas como uma manifestação legítima do sistema fonológico em contextos sociais específicos.

A variação em perspectiva, observada na comunidade de fala investigada (cf. seção 3.1), encontra raízes na formação histórica das línguas românicas, particularmente na região da *Languedoc*. Embora esse fenômeno fonético possa ter sido introduzido no Brasil por diferentes fluxos migratórios, sua trajetória específica permanece de difícil delimitação, dada a natureza residual desse processo no país. Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo identificar os condicionamentos estruturais e sociais dessa variação fonética, mediante análise de um *corpus* representativo de fala espontânea seabrense.

As questões que norteiam esta investigação estão relacionadas ao condicionamento, à distribuição e à percepção social do processo, quais sejam: (i). Quais fatores linguísticos e sociais condicionam o parrotacismo? (ii). Como esse fenômeno se distribui entre as faixas etárias na comunidade, e o que isso revela sobre mudança linguística em curso? (iii). Em que medida a percepção social das variantes que compõem a alternância entre as consoantes /r/ e /s/ influencia sua manutenção ou desaparecimento no falar local?

O estudo desse traço fonético possui relevância tanto teórica quanto social. Desde um viés acadêmico, contribui para modelos de variação e mudança fonética, enquanto que no âmbito prático pode fomentar políticas educacionais mais inclusivas, evitando correções desnecessárias de variantes legítimas. Outrossim, ao documentar sistematicamente esse fenômeno, a pesquisa ajuda a combater preconceitos linguísticos e valorizar patrimônios culturais locais, mormente em comunidades onde essas variantes estão vinculadas a identidades regionais.

A análise que aqui apresentamos está amparada no modelo teórico de estudo da variação e mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), que compreende a língua como um sistema intrinsecamente variável e ordenado. Esse modelo contrasta com abordagens formalistas que postulam a língua como um fenômeno homogêneo. Em oposição a essa ideia, Labov (2008 [1972]) defende que o estudo linguístico é, por natureza, social, na eminência de levar em consideração que a especificação “sociolinguística” é, em si mesma, redundante. Tal modelo parte do postulado de que a variação linguística é sistemática e pode ser analisada

mediante a correlação entre fatores linguísticos, como contextos fonéticos, e sociais, como sexo, faixa etária e escolaridade.

A fim de apresentar os resultados obtidos com a investigação, organizamos este texto em três seções, seguidas desta introdução: na segunda seção, apresentamos uma revisão teórica sobre o parrotacismo e estudos correlatos; na terceira seção, exibimos uma descrição do perfil histórico e sociocultural da comunidade de fala investigada, continuada de uma descrição do corpus, da variável dependente, das variáveis independentes e do tratamento estatístico endereçados aos dados; e, na quarta seção, que precede a conclusão, expomos a análise quantitativa dos resultados, obtidos com o auxílio do *Goldvarb X*.

2 O PARARROTACISMO EM FOCO

O parrotacismo, ao lado do rotacismo, denominado por pesquisadores como um duplo fenômeno, tem sido devidamente registrado desde o século XIX, um evento que teria se manifestado em diversas línguas e áreas do domínio românico. Durante muito tempo, acreditou-se que tal fato linguístico teria se irradiado através do sul da França, em especial das regiões de tradição provençal. Estudiosos como Bréal (1921) sustentavam essa hipótese, descrevendo a difusão do fenômeno desde *Roussillon* até a *Île-de-France*, passando por zonas como a *Languedoc*, *Basse-Auvergne* e *Orléanais*. Ele descreve esse percurso como uma espécie de “doença linguística” que se disseminou gradualmente, estendendo-se em direção aos dialetos da Normandia¹.

No entanto, essa visão de uma propagação unidirecional e difusionista foi criticada por outros estudiosos, que apontavam para a impossibilidade de o fenômeno ter sido resultado apenas de um simples contágio regional. Ao invés disso, sugeriram que a alternância entre /r/ e /s/ deveria ser interpretada como uma evolução espontânea, que emergiu de maneira independente em vários dialetos franceses, refletindo padrões articulatórios recorrentes e forças internas da língua.

Segundo Lorenzo (1975), a partir de dados extraídos de notas de fim de página de diversos estudos, a denominada “língua vulgar parisiense” do século XVI já exibia traços do parrotacismo desde o final do século XV, apontando evidências do fenômeno. O poeta François Villon (1489), por exemplo, rimou *chaise* (cadeira) com *aise* (prazer) em sua obra *Grand Testament*. Em 1530, Palsgrave registra que em Paris se pronunciava, às vezes, *Pays* por

¹ Região administrativa no noroeste da França, resultante da fusão das antigas regiões da Alta e Baixa Normandia.

Paris. Em 1580, Bèze indicava como parisienses “transformavam um r simples em s”², confirmando a presença dessa oscilação na forma de falar de certos grupos populares da cidade.

Godard (*sine data*), aludido por Lorenzo (1975), observa que a alternância entre /r/ e /s/ se restringia a camadas sociais menos escolarizadas e era especialmente comum entre as mulheres, fato também registrado por Erasmo (*sine data*), citado em Nyrop (1914) e outros, ao observar mulheres parisienses pronunciando *Maria* como *Masia* e *mère* como *mese*. Dubois (1531), por sua vez, mencionava o uso lúdico e trocadilhesco dessa variação, assim como Pilhot (1550), que anotou dados de frases caricatas que continham passagens como “*pese, mese*” no lugar de “*père, mère*”, referidos por Lorenzo (1975), respectivamente. Contudo, já no século XVII, esse costume passa a ser considerado regional, arcaico ou estigmatizado, restando apenas vestígios esparsos em palavras específicas como *bericles* (óculos) e *nariller* (cheirar).

No domínio provençal, Paul Meyer (1875), filólogo e romanista, foi o primeiro a registrar a existência desse fato linguístico, em seu estudo *Du passage d'sz à r et d'r à sz en provençal*, identificando sua ocorrência no provençal antigo da região sul francesa, particularmente nos departamentos de *Hérault* e *Gard*, através da análise de textos medievais. Meyer (1876) ampliou seu estudo para outras regiões como *Beaucaire*, *Tarascon*, *Arles* e *Roussillon*, com dados isolados, a exemplo de *requesen* por *requera*, constatando que o fenômeno se concentrava principalmente na *Languedoc*, com uso expressivo no século XIV, desaparecendo no século XV, com vestígios remontando ao século XIII e sobrevivendo até o século XVII, sendo o rio Rhône uma barreira geográfica refreadora à sua difusão.

Thomas (1877), arquivista, medievalista e filólogo francês, analisou documentos do século XIV, ampliando as análises de Meyer (1875, 1876) com dados representativos das regiões de *Auvergne*, *Limousin* e *Marche*, concluindo que o fenômeno era bastante espontâneo, com maior produtividade em *Auvergne*, onde se manifestou entre os séculos XV e XVI, embora com menor intensidade e duração nas demais regiões mencionadas. Apesar da longa duração do fenômeno, o autor questiona sobre escassez de registros duradouros, o que sugere uma rápida “normalização” linguística nas práticas escritas e normativas da região.

O fenômeno de alternância entre /r/ e /s/ não se limitou ao domínio francês. Nos dialetos hispânicos, particularmente nas variedades latino-americanas, encontramos traços semelhantes. Na região interandina do Equador e no México, é possível ouvir pronúncias como *sospresa* por *sorpresa* (Lemos, 1922). Na Califórnia, documenta-se a forma *peslas* pronunciada como *perlas*

² simplicem r etiam in s vertunt.

(Espinosa, 1925), enquanto no Peru e no Chile há registros de *Islanda* como *Irlanda*, *sosprender* por *sorprender* (Riofrío, 1874). No Caribe os exemplos tornam-se ainda mais expressivos. Nas Antilhas, há registros como *casne* por *carne* (Ureña, *sine data*). Em Cuba, surge formas como *casne* por *carne*, *vendeslo* por *venderlo* e *vesdolaga* por *verdolaga*, que segundo Wagner (1949), essas ocorrências poderiam estar relacionadas à influência das línguas africanas trazidas pelos negros escravizados.

Em Porto Rico, o estudioso Malaret (1937) observa que no falar dos negros, a consoante /r/ final tende a ser substituída por uma vibrante espanhola, bem articulada. Já Navarro Tomás (1948) propõe que essa variação, a exemplo de *piesna*, *casnero*, aparece também em composições escritas de caráter oral, não registrados na linguagem jurídica. Ele interpreta esse fenômeno como uma tentativa de suavizar consoantes sonoras por meio de uma fricativa surda. Fenômeno semelhante ocorre nas regiões espanholas de Murcia, onde formas como *casne* substitue *carne* (Wulff, 1889) e Andalucía, como *piesna* e *casne* por *pierna* e *carne* (Acalá Venceslada, 1934). Tais variantes são interpretadas por Soriano (*sine data*, p. 79) e Salvador (*sine data*, p. 206-208) como erros manifestos, produtos de uma pronúncia afetada e insincera por um falante pouco culto que pretenda falar “fino”.

O parrotacismo constitui um fenômeno intrigante que transcende fronteiras geográficas e históricas, chegando a Vale do Paraíso, adjacência rural do município de Seabra, no estado da Bahia, nos desafiando, como pesquisadores, a compreendermos suas origens e padrões de difusão, dada a ausência de evidências geográficas e históricas diretas. Embora associado a áreas específicas como a *Languedoc* e a Normandia, ou a contextos sociolinguísticos como o francês vulgar parisiense ou ao espanhol caribenho, trata-se de uma manifestação fonológica com raízes mais profundas, ligadas à fisiologia da fala e às dinâmicas sociais de prestígio, estigma e identidade. Tais variantes, contudo, são partes legítimas da história linguística das comunidades que as produzem e preservam.

Dito isto, detalharemos, a seguir, os métodos e processos sistemáticos adotados para esta investigação.

3 METODOLOGIA

3.1 VALE DO PARAÍSO: PERFIL HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL

Localizada no município de Seabra, a comunidade rural de Vale do Paraíso (antigo Gado Bravo) situa-se a aproximadamente 30 km da sede municipal, em uma região de transição entre

a Caatinga e a Mata Atlântica, no interior da Bahia, Brasil. Seu povoamento remonta a mais de um século, iniciado com a chegada de um pioneiro, não identificado, e sua família, que se estabeleceram na área dedicando-se à agricultura e à criação de gado bravo – atividade pecuarista que originou o nome da localidade. Posteriormente, os moradores rebatizaram o povoado como Vale do Paraíso, denominação que perdura até hoje (Turismo em Seabra, *sine data*).

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a comunidade abriga cerca de mil habitantes. A infraestrutura educacional inclui a Escola Municipal Manoel Bento Teixeira Filho, fundada na década de 1950 e vinculada ao Núcleo III da Lagoa da Boa Vista, comunidade vizinha. A instituição oferece Educação Infantil (Grupos 3/5, 4 e 5 anos) e Ensino Fundamental I (1º ao 3º ano). Os demais anos do Fundamental I e outras etapas de ensino são atendidos na Escola de 1º Grau de Lagoa da Boa Vista, que sedia o núcleo educacional.

Vale do Paraíso destaca-se por sua arquitetura colonial popular e pela altitude de 1.415 metros, que a torna o ponto mais elevado da APA Marimbus-Iraquara. Entre seus atrativos, ressaltam-se a Igreja Bizantina do Bom Jesus (padroeiro), localizada no ponto mais alto do povoado. O cemitério histórico, adjacente à igreja, possui valor cultural e paisagístico (Turismo em Seabra, *sine data*).

A Gruta da Pingueira, que abriga pinturas rupestres, remete aos povos ancestrais que por ali passaram. Outro marco é a Estrada Real, trecho que liga o povoado a Campestre (Seabra-BA), revestido de significado histórico.

A vida sociocultural da comunidade é marcada por tradições como festas religiosas, incluindo os novenários do Bom Jesus e os reisados (Santos Reis e São Sebastião). Nas festividades populares, destacam-se a Via-Sacra, as vaquejadas e as celebrações juninas, em especial a Festa de São João.

Vale do Paraíso possui uma herança histórica vinculada à agricultura e à pecuária. O turismo de base comunitária ganha força com roteiros que integram cultura, religiosidade e natureza, evidenciando a comunidade como um território de riqueza ambiental e cultural, cuja identidade é preservada por suas tradições e paisagens singularíssimas. Com efeito, tomamos a comunidade como o locus de constituição do *corpus* da pesquisa, o qual estratificamos e submetemo-los a um tratamento estatístico, à luz do modelo teórico de estudo da variação e mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), conforme descrição a seguir.

3.2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: DO CORPUS DE ANÁLISE AO TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Fundamentamos este estudo no já assinalado modelo teórico de estudo da variação e mudança linguística, que postula a língua como um sistema dinâmico e heterogêneo, cujas transformações são motivadas por fatores internos (linguísticos) e externos (sociais). Segundo esse modelo de descrição linguística, a variação não é um caos, mas um mecanismo intrínseco à estrutura linguística, que reflete a adaptação da língua ao contexto histórico e cultural dos falantes.

Sabendo que a mudança ocorre de forma sistemática, seguindo padrões identificáveis por meio da análise de variáveis em comunidades específicas, neste estudo, adotamos essa perspectiva para investigar o pararrrotacismo, fenômeno caracterizado pela substituição de /r/ por /s/, na comunidade de Vale do Paraíso, partindo do pressuposto de que fenômenos fonéticos são sensíveis tanto a condicionamentos estruturais, como a posição da palavra, por exemplo, quanto a fatores sociais, como a faixa etária e o sexo.

A investigação vincula-se ao projeto Se abra à Chapada: coletando, explorando e mapeando dados sociolinguísticos (Santos, 2018-2023), desenvolvido no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT XXIII) da Universidade do Estado da Bahia. O projeto baseia-se em entrevistas sociolinguísticas com duração de 40 a 60 minutos, cujo objetivo é mapear a realidade sociolinguística presente no território de identidade denominado Chapada Diamantina, incluindo a localidade em análise.

O corpus deste estudo é composto por 16 participantes da pesquisa, moradores da comunidade rural de Vale do Paraíso, estratificados por sexo (masculino e feminino) e faixa etária (I: 18 a 25; II: 35 a 45; III: 55 a 65 e IV: 65 anos ou mais). Para a coleta de dados utilizamos um questionário fonético-fonológico e a realização de entrevistas sociolinguísticas. Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos participantes, as entrevistas e as respostas ao questionário foram gravadas, transcritas, codificadas e submetidas a uma análise estatística.

Definimos como variável dependente a aplicação como (pos.ta), ou a não aplicação como (por.ta), do fenômeno do pararrrotacismo. Além do controle das variáveis sociais (sexo e faixa etária), controlamos algumas variáveis linguísticas, quais sejam: a posição da sílaba em causa, a nasalidade da sílaba em causa, a tonicidade, a vogal precedente, a extensão fonológica, a classe de palavra, o tipo de discurso e o tipo de pergunta, conforme descritas a seguir.

(1) Posição da sílaba em causa: a variável refere-se à localização da sílaba que contém o fonema /r/ que está sujeito à variação – se ocorre na posição inicial da palavra, como em por.ta, ou em posição medial, como em la.gar.to.

(2) Nasalidade da sílaba em causa: a variável considera se a sílaba onde ocorre o fonema /r/ sujeito à variação é oral (por.tei.ro) ou nasal (mor.ta).

(3) Tonicidade: a variável leva em consideração se a sílaba que contém o fonema /r/, suscetível à variação, é tônica (acentuada: cer.to) ou átona (não acentuada: por.tão).

(4) Vogal precedente: a variável atende a qualidade articulatória da vogal que precede o /r/ na sílaba em que ocorre, ou não, a variação, baseando-se nos traços de altura e do avanço ou recuo da língua: alta anterior (di.vir.ti.men.to), alta posterior (cur.ti.na), centrais (la.gar.ti.xa), média anterior (per.to) e média posterior (or.ti.ga).

(5) Extensão fonológica: essa variável tem em conta o número de sílabas da palavra em que ocorre, ou pode ocorrer, a variação, dissílaba (car.ta), trissílaba (es.per.to) e polissílaba (mor.ta.de.la).

(6) Classe de palavra: essa variável considera a categoria gramatical da palavra em que ocorre, ou não, a variação, para citar o substantivo (car.tei.ra), o adjetivo (a.per.ta.do), o advérbio (per.to) e o verbo (a.per.tar).

(7) Tipo de discurso: remete-se à natureza interacional do discurso produzido pelo falante – se ocorre em um contexto dirigido (estruturado, orientado pelo entrevistador) ou semidirigido (mais livre, com autonomia maior do falante quanto ao conteúdo e à forma).

(8) Tipo de resposta: diz respeito ao modo como o falante formula sua resposta – se de maneira casual (espontânea, informal) ou enfática (cuidadosa, monitorada) – em contextos de fala nos quais pode ocorrer a troca do /r/ por /s/.

A análise estatística das variáveis linguísticas e sociais foi realizada com o auxílio do *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), um *software* computacional que, conforme Guy e Zilles (2007), opera com base em um modelo de variável dependente, calculando probabilidades e percentuais de ocorrência de determinadas formas linguísticas em oposição à sua ausência. O programa atribui pesos relativos a cada fator analisado – valores próximos a 1 indicam maior relevância para o fenômeno estudado, enquanto que valores próximos a 0,5 sugerem neutralidade, descartando significância estatística. À face disso, o *Goldvarb X* nos permitiu avaliar a influências das variáveis controladas na realização do parrotacismo na comunidade em questão, cujos resultados são descritos e interpretados na próxima seção.

4 DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A distribuição estatística da transição de /r/ por /s/, apresentada na Tabela 1, revela uma distribuição assimétrica das variantes na comunidade de Vale do Paraíso. A variante de aplicação aparece em 40% dos contextos analisados, caracterizando-se como o uso menos frequente, enquanto a variante de não aplicação predomina significativamente, correspondendo 60% das ocorrências linguísticas registradas.

Tabela 1: Distribuição geral dos dados

Variantes	Aplicação	Não aplicação	Total
Ocorrências	291	433	724
%	40	60	100

Fonte: Elaboração própria.

Esses resultados sugerem que o fenômeno do parrotacismo, embora presente no repertório linguístico da comunidade, não constitui estratégia fonética preferencial entre os falantes. A significativa diferença percentual entre as variantes, em 20 pontos percentuais, indica um padrão de uso estabelecido, fato que mereceu ser investigado à luz de fatores linguísticos e sociais, nos permitindo compreender as motivações dessa variação.

As análises preliminares, expostas a seguir, nos servirão como ponto de partida para examinar em profundidade os condicionamentos que regem a escolha entre a aplicação e a não aplicação do fenômeno no sistema fonológico local.

Após termos estratificado as variáveis a serem controladas na análise estatística, submetemos o arquivo de condições a um tratamento de regra variável binomial, *up and down*, tomando como regra de aplicação a presença do parrotacismo. O *Goldvarb X* selecionou como variáveis estatisticamente relevantes o sexo, a faixa etária, a nasalidade, a extensão fonológica da palavra e o tipo de discurso, descartando as demais variáveis, para citar, a tonicidade, a vogal precedente, a posição da sílaba em causa, o tipo de resposta e a classe de palavra, devidamente descritas na seção metodológica deste estudo, não sendo aqui reportadas, de sorte que elas receberão um exame quantitativo adequado em uma investigação futura.

Controlamos a variável sexo do falante com a intenção de verificarmos a diferenciação do comportamento linguístico, quanto ao uso do parrotacismo, entre homens e mulheres. A nossa hipótese de trabalho era a de que a variante inovadora é mais frequente na fala das mulheres,

assim como apontado por Godard (*sine data*) e aludido por Lorenzo (1975). Na tabela a seguir, apresentamos os resultados obtidos com o controle dessa variável.

Tabela 2: Uso do parrotacismo em relação ao sexo dos participantes da pesquisa

Sexo	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Masculino	126/385	33	0,415
Feminino	165/339	49	0,596

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados evidenciam que o parrotacismo é favorecido na fala das mulheres, com um peso relativo de 0,596, o que confirma a hipótese alvitada. A frequência de uso da variante em foco pelos homens é de 33% (126 ocorrências), em detrimento das mulheres, com uma frequência de uso de 49% (165 ocorrências). Tais achados vão de encontro ao postulado clássico da sociolinguística variacionista (Labov, 2008 [1972]) de que as mulheres usam, preferencialmente, formas de prestígio mais que os homens, reafirmando a tendência verificada por estudiosos no século XVI, conforme aponta Lorenzo (1975) em seu estudo “El rotacismo en las lenguas românicas”.

O desfecho observado a partir dos dados, referentes ao sexo do falante, reflete o postulado de que a relação entre gênero e variação linguística não é universal, mas sim mediada por fatores sociais, culturais e econômicos particulares a cada comunidade de fala (Eckert, 2012; Milroy, 2004). Em contextos onde a inovação linguística está relacionada a identidades femininas empoderadas ou a redes sociais densas, como pode ser o caso em Vale do Paraíso, as mulheres podem liderar mudanças linguísticas mesmo quando essas não representam formas de prestígio tradicional. Isso reforça a ideia de que a atuação das mulheres na variação linguística é estratégica e contextual, dependendo de como determinadas variantes se articulam com suas identidades e posições sociais, conforme afirmam Cameron (2005) e Ochs (1992).

Testamos a variável faixa etária com o objetivo de observar se haveria diferenças estatísticas significativas entre as faixas etárias um, dois, três e quatro. A hipótese levantada foi a de que o parrotacismo é favorecido pelos falantes mais jovens. Acompanhem os resultados ilustrados na tabela abaixo.

Tabela 3: Uso do parrotacismo em relação à faixa etária dos participantes da pesquisa

Faixa Etária	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Um	52/161	32	0,383
Dois	107/208	51	0,672
Três	94/178	53	0,633
Quatro	38/177	22	0,278

Fonte: Elaboração própria.

Como observado, as faixas etárias intermediárias são as que mais empregam a variante inovadora: a faixa dois registra 51% (107 ocorrências) dos usos, e a faixa três, 53% (94 ocorrências), refutando a hipótese aventada. Em contraste, as faixas um e quatro apresentam frequências significativamente menores, com 32% (52 ocorrências) e 22% (38 ocorrências), respectivamente. Esses resultados indicam que falantes de meia-idade tendem a favorecer o uso do parrotacismo, com pesos relativos de 0,672 (faixa dois) e 0,633 (faixa três).

Supomos, com estes achados, que a manutenção da variante conservadora por jovens e idosos, em contraste com o uso da variante inovadora por adultos pertencentes às faixas intermediárias, pode ser explicada pela influência dos canais de socialização predominantes em cada faixa etária: jovens escolarizados e idosos expostos à mídia tradicional (televisão e rádio) tendem a reforçar normas linguísticas mais conservadoras, mesmo sem escolarização formal avançada, enquanto os adultos economicamente ativos, mais expostos a redes sociais abertas ligadas ao trabalho (pecuária e agricultura de subsistência), adotam variantes inovadoras em função de sua interação funcional e prática com outros falantes.

Dito de outro modo, os adultos em idade economicamente ativa tendem a possuir redes sociais mais abertas, com maior diversidade de contatos linguísticos, favorecendo a inovação linguística (Milroy; Milroy, 1985), especialmente em contextos de trabalho informal e comunitário, como a agricultura de subsistência praticada em Vale do Paraíso. Essa inserção em redes mais amplas e heterogêneas expõe os falantes a uma variedade maior de usos linguísticos, o que contribui para a difusão de variantes inovadoras e para o afastamento das normas tradicionais preservadas em ambientes mais restritos.

Adicionamos a variável nasalidade da sílaba alvo, oral ou nasal, à análise, com a intencionalidade de observarmos o efeito que ela causaria à variação em cena. A hipótese proposta foi a de que o parrotacismo tende a ocorrer com mais frequência em sílabas orais do que em sílabas nasais, devido à interferência articulatória causada pela nasalidade, que pode

dificultar ou bloquear o processo de substituição. Visualizemos os resultados estatísticos obtidos na tabela a seguir.

Tabela 4: Uso do parrotacismo em relação à nasalidade da sílaba alvo

Nasalidade	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Oral	275/655	42	0,522
Nasal	16/69	23	0,304

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados expostos na tabela demonstram que o parrotacismo, na comunidade Vale do Paraíso, é favorecido em contextos de sílabas orais, com um peso relativo de 0,522, fato que confirma a hipótese alçada. Seu uso em ambientes de sílabas nasais é de 23% (16 ocorrências), em oposição aos usos cujos contextos são de sílabas orais, com 42% (275 ocorrências). Acreditamos que esses achados podem estar atrelados a fatores como a frequência lexical (Bybee, 2001), visto que o percentual de aplicação da variação observado é mais frequente em sílabas orais. Ademais, fatores como a sonoridade, a articulação ou a influência de traços fonéticos adjacentes podem contribuir para o favorecimento do parrotacismo, indicação que merece uma investigação adicional em estudos futuros.

Controlamos, também, a variável extensão fonológica, com o propósito de observarmos qual o efeito o tamanho da palavra exercia sobre o parrotacismo. A hipótese lançada foi a de que a variação tende a suceder com maior frequência em contextos trissílabos e polissílabos, devido à maior complexidade prosódica e à tendência a processos de redução articulatória em palavras mais longas. Os resultados são ilustrados na tabela a seguir.

Tabela 5: Uso do parrotacismo em relação à extensão fonológica da palavra

Extensão fonológica	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Dissílaba	101/276	37	0,479
Trissílaba	160/335	48	0,565
Polissílaba	30/113	26	0,360

Fonte: Elaboração própria.

Conforme os dados ilustrados na Tabela 5, notamos que as palavras trissílabas favorecem o uso da variante inovadora com peso relativo de 0,565 (160 ocorrências, 48%), seguida das dissílabas (101 ocorrências, 37%) e das polissílabas (30 ocorrências, 26%). À face

disso, a hipótese lançada se confirma parcialmente, visto que apenas as palavras trissílabas são as únicas desencadeadoras do parrotacismo em Vale do Paraíso, com dito.

A explicação para tal resultado pode estar relacionada a fatores fonológicos e prosódicos, como o efeito da estrutura silábica e o acento tônico, pressão da simplificação fonética ou frequência de uso. Nesse caso, o parrotacismo pode estar sendo favorecido pelas palavras trissílabas devido à posição do acento tônico e à distribuição de consoantes e vogais, ou mesmo por apresentarem um equilíbrio ideal entre complexidade e frequência (Bybee, 2001), de modo que as trissílabas são mais frequentes no *corpus*, o que pode ser resultado de uma maior mobilidade dialetal que tem facilitado a inovação, em detrimento das polissílabas, menos frequentes e talvez mais conservadoras.

O fenômeno pode ainda estar sob influência de simplificação fonotática, dado que em palavras trissílabas, a posição medial da sílaba afetada pode estar mais suscetível a alteração devido a processos de redução ou assimilação (Ohala, 1993), ao passo que palavras polissílabas podem levar a uma articulação mais cuidadosa, inibindo a variação. De fato, o parrotacismo é sensível ao número de sílabas, mas não de forma linear, portanto, em estudos posteriores buscaremos analisar a posição do acento tônico e a classe gramatical a qual a palavra pertence para refinamento da explicação.

A partir do controle da variável tipo de discurso, objetivamos verificar a interferência desta no falar dos vale-paraisenses. A hipótese alçada é a de que a ocorrência da variante inovadora é mais frequente em discursos semidirigidos, principalmente em variantes fonéticas, nos quais o falante tem maior liberdade expressiva, fato que pode concorrer para a emergência de variantes locais. Os resultados são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 6: Uso do parrotacismo em relação ao tipo de discurso

Tipo de discurso	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Semidirigido	27/98	28	0,323
Dirigido	264/626	42	0,529

Fonte: Elaboração própria.

No nível do discurso dirigido, caracterizado por perguntas fechadas, formulações específicas ou solicitações de repetição, nas quais o entrevistador controla mais fortemente a interação e conduz o falante a produzir determinadas palavras ou estruturas, como em (1), levou a uma maior frequência da aplicação do parrotacismo (42%, 264 ocorrências) do que no nível do discurso semidirigido (28%, 27 ocorrências), que envolveu perguntas abertas e espaço para

narrativas, relatos ou comentários espontâneos, permitindo o falante organizar sua fala e escolher vocabulário, ritmo e estrutura, como em (2).

(1) DOC: Como o senhor chama aquilo que serve para fechar a entrada de cômodos da casa?

INF: A posta.

DOC: Como?

INF: Posta (Homem, faixa etária 1).

(2) DOC: Via Sacra? E como que acontece, assim, essas manifestações? Você poderia falar?

INF: O Reisado mesmo é no mês de dezembro até o começo de janeiro, aí... Parte de casa em casa, os povo. A Via Sacra é no cemitério, no meio de abril, depende muito do tempo da Semana Santa... (Mulher, faixa etária 1).

Os resultados apresentados na Tabela 6, referentes ao tipo de discurso, demonstram que o discurso dirigido favorece a aplicação do parrotacismo, apresentando um peso relativo (ou frequência corrigida) de 0,529, indicando influência significativa sobre a variação. No entanto, a nossa hipótese inicial foi refutada, porque partimos do pressuposto de que a inovação linguística emergiria mais em situações espontâneas, quando, na realidade, o fenômeno parece estar vinculado a mecanismos de hipercorreção, formalidade ou repetição eliciada.

No discurso dirigido, como já dito, o falante está sob maior controle interacional, sendo frequentemente solicitado a repetir palavras isoladas ou a responder a perguntas fechadas. Essa situação pode levar a uma hipercorreção ou a um maior cuidado articulatório, especialmente se a variante inovadora for recebida como menos prestigiada ou marcada sociolinguisticamente. Nesse contexto, os dados apontam que os falantes de Vale do Paraíso tendem a evitar variantes de prestígio em situações de fala monitorada, sugerindo uma função sociossimbólica (de pertencimento a um grupo local) que resiste ativamente à pressões da norma padrão, com o objetivo de manter o traço inovador como forma de marca identitária local, onde suas identidades sociais podem estar sendo mais performadas.

4.1 ESTENDENDO A DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Verificamos, conforme revisão da literatura sobre o fenômeno investigado, que esse processo fonético ocorreu e pode ocorrer em certas variedades linguísticas e pode ser observado em diferentes contextos históricos e geográficos. A ocorrência desse fenômeno em Vale do Paraíso, onde se observa a pronúncia “posta” em vez de “porta”, pode ser explicada por meio de várias hipóteses, como as já apontadas ao longo dessa análise, e outras que não necessariamente dependem de contato direto com outras variedades linguísticas onde a variação já foi documentada. Apontaremos, a seguir, mais algumas possíveis hipóteses explicativas.

Uma hipótese é que o fenômeno tenha surgido na comunidade em foco de forma independente, sem qualquer influência direta de outras variedades. Essa é uma tendência possível, de modo que isso pode ocorrer devido a tendências fonéticas universais ou a processos internos de mudança linguística relacionadas, por exemplo, a uma simplificação articulatória, onde o som vibrante /r/ é substituído por um som fricativo /s/, que pode ser mais fácil de produzir em certos contextos fonéticos.

Outra possibilidade é que o parrotacismo tenha sido influenciado por línguas indígenas ou africanas que foram faladas na região. Essas línguas podem ter apresentado características fonéticas que favoreciam a substituição de sons vibrantes por fricativos, e essa influência pode ter se refletido no português falado na região. Além disso, a presença de comunidades quilombolas adjacentes e em contato com a localidade pode ter contribuído para a manutenção ou surgimento de características fonéticas distintas.

Vale do Paraíso, dado a seu isolamento geográfico parcial, pode ter preservado traços fonéticos que eram mais comuns em estágios anteriores do português, mas que desapareceram em outras variedades da língua. Tal distanciamento geográfico pode ter contribuído para a conservação desse traço, a passagem do /r/ para /s/.

Tal variação pode ter sido resultado de processos internos de reestruturação fonológica, onde certos sons são reinterpretados ou substituídos devido a mudanças no sistema fonológico da língua. Esse tipo de mudança pode ocorrer sem influência externa e pode ser motivado por fatores como a busca por maior simetria no sistema fonológico ou a redução de contrastes fonéticos.

Vale lembrarmos, também, que, embora o fenômeno tenha sido documentado em regiões distantes e em períodos diferentes, é possível que tenha ocorrido uma difusão indireta do parrotacismo através de variedades linguísticas intermediárias. Isso pode ter acontecido ao

longo dos séculos, com a variação sendo transmitida de uma comunidade para outra, mesmo que de forma não documentada.

A ocorrência do processo em tema, em Vale do Paraíso, pode ser explicada por uma combinação de fatores, incluindo desenvolvimento independente, influência de substratos linguísticos, isolamento geográfico, processos internos de mudança fonológica e fatores sociolinguísticos. A distância temporal e espacial em relação a ocorrências anteriores do fenômeno não invalida a possibilidade de que ele tenha surgido ou sido mantido nessa região por razões internas ou locais. A investigação detalhada da comunidade e de sua história linguística pode fornecer mais *insights* sobre as causas específicas dessa variação.

CONCLUSÃO

Com base nos resultados obtidos, é possível afirmarmos que o parrotacismo na comunidade de Vale do Paraíso compreende um fenômeno de variação sistemática, regulado por restrições linguísticas e sociais bem definidas. A identificação de condicionantes favorecedores, como o sexo, a faixa etária, nasalidade da sílaba alvo, extensão fonológica da palavra e tipo de discurso, demonstra que tal variação não ocorre de maneira aleatória, mas responde a padrões recorrentes que desvelam a complexidade e a regularidade do comportamento linguístico dos falantes.

Esses dados reforçam os postulados do modelo teórico de estudo da variação e mudança linguísticas (Weinreich; Labov e Herzog, 2006 [1968]), ao demonstrar que a variação linguística é passível de descrição científica e que está sujeita a fatores estruturais e sociais. Nesse sentido, o parrotacismo se insere como uma variante significativa, cujo estudo contribui não apenas para o mapeamento dos traços específicos da variedade falada em Vale do Paraíso, mas também para a ampliação do conhecimento sobre os mecanismos gerais de mudança linguística no português brasileiro.

Por fim, o estudo que aqui propusemos reforça a importância de se considerar a fala em uso, tal como realizada por sujeitos sociais em contextos reais de interação. A articulação entre descrição empírica e análise teórica permite avançarmos na compreensão dos processos que moldam e transformam continuamente as línguas naturais, reafirmando o papel da Sociolinguística Variacionista como ferramenta central na análise das dinâmicas linguísticas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ACALÀ VENCESLADA, A. Vocabulario Andaluz. Andújar: s.l., p. 265, 1934.
- BLOCH, O. L'assibilation d'r dans les parles gallo-romans. *Ver. Ling. Rom*, vol. III, p. 92-156, 1927.
- BRÉAL, Michel. *Essai de sémantique: science des significations*. Paris: Hachette, 1921.
- BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. UK: Cambridge University Press, 2001.
- CAMPOS FERNÁNDEZ, Elixabet et al. *Didáctica del lenguaje en primaria – problemas de habla: dislalias*. Málaga: La Prensa, 2008.
- CAMERON, D. Language, gender, and sexuality: Current issues and new directions. *Applied Linguistics*, 2005.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, 2012.
- ESPINOSA. *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal I*. Madrid, p. 307, 1995, nota 1.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Documentação do Censo 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- LABOV, Wiliam. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LE MOS, G. *Barbarismos fonéticos del Ecuador: suplemento a una semántica ecuatoriana*. Guayaquil: s.l., 1922.
- LORENZO, R. El rotacismo en las lenguas románicas. *Verba*, vol 2, p. 119-136, 1975.
- MALARET, A. *Vocabulario de Puerto Rico*. Puerto Rico: s.l., p. 86, 1937, nota.
- MEYER, Paul. Du passage d'sz à r et d'r à sz dans le nord de la langue d'oc. *Romania*, VI, p. 261-266, 1877.
- MEYER, Paul. R pour s z à Beaucaire. *Romania*, V, p. 488-490, 1876.
- MEYER, Paul. Du passage d'sz à r et d'r à sz en provençal. *Romania*, tomo 4, n° 14, p. 184-194, 1875a.
- MEYER, Paul. Du passage d'sz à r et d'r à sz. *Romania*, IV, p. 464-470, 1875b.
- MILROY, L. Social networks. In: J. K. Chambers et al. (Eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell, 2004.

MILROY, L.; MILROY, J. Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, 21(2), p. 339-384, 1985.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional na escola secundária*. São Paulo: Editora CIA Melhoramentos, 1935.

NAVARRO TOMÁS, T. *El español en Puerto Rico: contribución a la geografía lingüística hispanoamericana*. Rio Piedras: s.l., p. 73, 1948.

NYROP, K. *Grammaire historique de la langue française*. Paris: s.l., 1914.

OCHS, E. Indexing gender. In: A. Duranti & C. Goodwin (Eds.). *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge University Press, 1992.

OHALA, John. The phonetics of sound change. In: JONES, Charles. *Historical linguistics: problems and perspectives*. London: Longman, p. 237-278, 1993.

RIOFRÍO, M. correcciones de defectos de lenguaje para el uso de las escuelas primarias del Perú. Lima: s.l., 1874.

SALVADOR. Nota. *RFE*, XLI, p. 206-208, s.d.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SANTOS, Elias de Souza. *Projeto de pesquisa: Se abra à Chapada: coletando, explorando e mapeando dados sociolinguísticos*. Seabra: Universidade do Estado da Bahia - DCHT XXIII, 2018-2023.

SHUISKAYA, Tatiana V. Rotatsizm i pararotatsizm v detskoy rechi [Rhotacism and pararhotacism in child's speech]. *Teoreticheskaya i prikladnaya lingvistika. Theoretical and Applied Linguistics*, 7 (4), p. 169–178, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22250/2410-7190_2021_7_4_169_178>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SORIANO, Garcia. *Vocabulário*. S.l.: s.l, p. LXXIX, s.d., nota.

THOMAS, Antoine. Du passage d'sz à r, et d'r à sz dans le nord da langue d'oc. *Romania*, tomo 6, nº 22, 1877, p. 261-266.

TURISMO EM SEABRA. Ache tudo e região, Seabra. Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/ba/seabra/turismo.htm#google_vignette>. Acesso em: 20 abr.2025.

UREÑA, Henríquez. *BDH*, IV, p. 304, s.d. (nota).

WAGNER, Max L. *Lingua i dialetti dell'America spagnola*. Firenze: s.l., p. 101, 1949.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [1968]. São Paulo: Parábola, 2006.

WULFF, F. *Un chapitre de phonétique andalouse*. Stockholm: s.l., p.. 45, 1889.